

tido em passeio privativo dos seus moradores. A rainha viuva, D. Maria Pia de Sabóia, votava-lhe particular estima e, promovendo seu embelezamento, muito se aprazia em percorrê-lo. Sob êste domínio o veio encontrar a proclamação da República. A traços largos, e como preâmbulo da sucinta descrição que vamos tentar, eis a história do Jardim Botânico da Ajuda, hoje patente ao público.

Ao alto de uma colina, olha sobranceiro o casario denso de Belém e também um extenso pedaço do Tejo. De sóbria elegância, como os jardins italianos em que buscou modelo, constituem-no dois planos a que uma muralha serve de fronteira e dos quais o superior, abraçando o outro, vem em suave declive ajustar-se-lhe no lado sul. Em tôda a volta dêsse abraço, uma balaustrada em parte ornamentada de vasos de faiança branca que, a azul, ostentam a corôa e o monograma da sua reginal e última dona. A meio da muralha, abre-se e desce em cinco lanços uma escadaria de belo traçado, em cujo patamar extremo, sob edícula, Hércules, o mais esforçado dos deuses pagãos, se apresta para nos contar um dos doze trabalhos seus que andam na mitologia. Reduções singelas mas também graciosas dessa escada monumental, outras duas, uma de cada lado, quebram os braços da muralha, facilitando o acesso ao terreno de baixo, onde, como no de cima, se vêem dispersos tanques com a clássica ornamentação de tritões, serpes, gansos e mais fauna amiga da água. E por tôda a terra ajardinada, pastoreando uma multidão de plantas de menor vulto, na maioria presentes em todos os jardins e só algumas delas de raça extreme, com direito a brasão, — estas sim dignas de um Jardim Botânico, — uma notável variedade de árvores de grande porte, de exótica proveniência uma que outra. Aqui se ergue o loureiro consagrador de vates, além avistamos a generosa árvore da borracha, perto entorna seu enebriante perfume a magnólia oriental, mais longe perfila-se o cipreste merencório, ao qual parece espreitar um gigantesco pinheiro manso, e cá e lá bastantes palmeiras se aprumam, algumas delas já com visíveis sinais de velhice mas, como se moças fôsem, querendo acolher a morte em atitude de beleza. Porém a árvore que predomina ou que, pelo menos, nesta quadra nos atrai mais os olhos, é a olaia:



BALAUSTRADA DONDE SE DIVISA UM LINDO PANORAMA SÔBRE A CIDADE E O RIO



A ESCADARIA PRINCIPAL

carregadinha de flor roxa, é evidente que se envaidece porque os pássaros, para abrigar suas núpcias (êste é o tempo delas) a preferem às suas irmãs.

Mas é no terreno superior que mais restos da nobreza primitiva do Jardim se conservam. Aí a série não pequena de suas estufas, opulentas de fetos e avencas formosíssimas, e aí duas árvores de raça, a *Schottia speciosa*, de copa tão larga que carece de escoras e capaz de cobrir uma centena de pescas, e um dos mais soberbos exemplares que se conhecem de dragoeiro, de descomunal copa também, uns 42 metros de circunferência, o qual ainda conheceu Brotero e foi decerto um dos dilectos pupilos do insigne botânico. Vai já em dois séculos de idade e promete durar outro mais.



PATAMAR DA ESCADARIA PRINCIPAL

Passeado o Jardim de lés a lés, admiradas suas estufas e mais raridades de flora, não nos descuidemos de, por uns instantes nos encostarmos à balaustrada, instantes que bem podem atingir horas. Mesmo que jamais tenhamos empunhado pincéis e paleta, sentir-nos-emos então aguarelistas. Pousando a vista em baixo, já o matiz dos talhões apresentará quadro fagueiro. Depois, saltando sôbre o casaredo importuno, entre o qual sobressai o domo da igreja da Memória, desde há anos



UM ASPECTO DO JARDIM

jazida dos despojos do grande ministro de D. José, ela irá cair no rio, a cuja superfície já não assomam os corpos sedutores das tágides e cujas águas de todo perderam a lembrança das naus dos Descobrimentos, mas onde se patenteia ainda e sempre a mesma alegria heróica e voluptuosa, provinda da clara luz que nelas mergulha e é como polen maravilhoso. Por último, as encostas verdejantes da Outra Banda oferecem-nos um mimoso trecho de égloga. Dentro de nós, ao pintor junta-se o poeta, e ambos ficam em longa contemplação ante um panorama em nada desmerecido de qualquer dos tantos outros que os múltiplos belvederes espalhados por essa Lisboa fora nos proporcionam.

Pela data do seu nascimento e, principalmente, porque foram rebentos seus a reproduzir-se, a gerar vida nova nesse outro Jardim Botânico anexo à Faculdade de Ciências, o qual é uma das preciosidades da capital portuguesa e tem fama além fronteiras, este último deve encarar e nomear o da Ajuda como seu avô. De contrário, mal haja êle que, por ingrato, renega antepassados que o não deslustram!

CÉSAR DE FRIAS.





Jardim Botânico da Faculdade de Ciências

Este jardim, certamente, o mais belo de Lisboa, um dos mais hodiernos da capital, atendendo a que ainda em 1873 grande parte dos terrenos a êle destinados se encontravam incultos, é hoje um dos mais notáveis jardins botânicos da Europa.

Primitivamente instalado na Ajuda, junto do Paço Velho, onde o Marquês de Pombal o havia delineado no intuito de, conjuntamente com um museu de história natural e um gabinete de física, permitir ao príncipe herdeiro D. José, os estudos práticos destes ramos da Ciência, foi seu primeiro director o Dr. Domingos Vandelli, lente jubilado da Universidade de Coimbra e membro da Academia das Ciências de Lisboa.

Ali se conservou o jardim até que, pelo decreto de 11 de Janeiro de 1837 que criou a antiga Escola Politécnica, foi transferido para a cêrca da mesma Escola, isto é, para uma parte da antiga Quinta do Monte Olivete, antiga pertença da Companhia de Jesus, que ali teve a sua casa de Noviciado.

Não foi brilhante, a princípio, a nova fase do Jardim Botânico, antes apagada, e só em Dezembro de 1873, decorrido perto de meio século, dois grandes homens de



POR TODO O JARDIM SERPENTEIAM PITORESCAS ALAMEDAS SOMBREADAS
POR ARVOREDO DAS MAIS DIVERSAS ORIGENS

Lisboa que se lhe possa comparar. Não é num dia que se pode visitar, como convém, este jardim, sem rival na Europa. Tôdas estas palmeiras, estas grandes bananeiras, estas grandes coníferas, cicas e dicotiledóneas arborescentes formam um *arboretum* incomparável ...».

A obra de engrandecimento do Jardim Botânico, iniciada por Andrade Corvo e Conde de Ficalho, presidiu o Dr. Edmond Goeze,

ciência, os professores de botânica, Dr. João de Andrade Corvo e Conde de Ficalho, conseguiram, à custa de uma enorme força de vontade e grande devoção profissional, que o Jardim Botânico fôsse um facto, encerrando nas suas colecções, em pouco mais de quatro anos, mais de 10.000 plantas.

Debaixo da sua sábia direcção e esclarecida competência tornava-se o Jardim Botânico de Lisboa um dos mais afamados da Europa, sendo muitas as referências que vários viajantes estrangeiros têm escrito, enaltecendo-o.

Nas suas *Excursions en Espagne et en Portugal*, escreveu sobre o nosso jardim, o Dr. Robert Chodat, ilustre botânico suíço: «Este jardim é, sem contestação, uma das maravilhas do sul da Europa. Os jardins da Provença, da Ligúria e mesmo de Málaga (Vila Concepcion), não passam de charnecas ao lado desta vegetação sub-tropical exuberante... Não há retiro algum em



MONUMENTO AO DR. BERNARDINO GOMES (F.º) JUNTO
AO OBSERVATÓRIO ASTRONÓMICO



UM SOBERBO ASPECTO DA PARTE CENTRAL DO JARDIM

ao qual se deve o delineamento em diversos planos e o da escadaria principal de traçado elegantíssimo que dá acesso à plataforma superior destinada à distribuição científica das espécies. Seguiram-se-lhe o francês Jules Daveau, jardineiro e naturalista — mais tarde director do Jardim das Plantas de Montpellier — sob a direcção do qual foram construídas a grande estufa e a extensa e formosa Rua das Palmeiras, e o português António Ricardo da Cunha, que trouxe a êste jardim a longa prática adquirida na conservação do Jardim da Ajuda.

Além dos numerosos exemplares transplantados dêste último jardim, muito concorreram para o seu enriquecimento as valiosas contribuições do Jardim



O FORMOSO LAGO, RODEADO DE EXÓTICA VEGETAÇÃO, É UM ENCANTADOR FORMENOR DO JARDIM

dos os seus aspectos, efeitos da mais surpreendente beleza.

Nesta parte do jardim há um pequeno lago cheio de golfinhos e nenúfares, sobre que debruça um belo exemplar de salgueiro de longos ramos pendentes, e, à esquerda dos canteiros de estudo, as estufas, muito notáveis pela diversidade dos exemplares que contém, a completar a parte destinada aos estudiosos.



DETALHE DA ESCADARIA PRINCIPAL

das Plantas de Paris, e os jardins dos Duques de Palmela, o do Choupal e o do Dr. José do Canto (Ilha de S. Miguel).

A acção porfiada dos professores que têm sucedido na direcção do Jardim Botânico de Lisboa — principalmente do professor D. António Xavier Pereira Coutinho — se deve, apesar da exiguidade de recursos orçamentais, que este jardim continui a ser um óptimo instrumento de trabalho e um esplêndido refúgio que, nada tendo perdido da sua beleza, desperta a admiração de quantos o visitam.

Na verdade, se no seu plano superior, onde se encontra organizado em sistema todo o mundo vegetal, a disposição científica de espécies, por processos seguidos em toda a parte, nem sempre consegue aliar a estética ao rigor da sistemática, nos planos médio e inferior, em todos os seus recantos, escadarias, lagos e pontes que o adornam, a criteriosa e escolhida disposição de plantas dá-lhe, em to-